



Tháisa Menezes de Assis

Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em *Dom Pantero*, de Ariano Suassuna

Among stages and tents: notes on performance in Ariano Suassuna's *Dom Pantero*

Tháisa Menezes de Assis¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
thaisamenezes2@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-7629-3567>

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Possui título de mestre em Literatura Brasileira (2022) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, com bolsa da CAPES. Possui título de graduada em Letras–Português/Literaturas (2016) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Durante a graduação, foi bolsista do “Letras PET/Dimensões da Linguagem” do Programa de Educação Tutorial–PET (2011–2014) e bolsista de iniciação à docência–Pibid (2014–2015). No período entre 2015 e 2016, foi pesquisadora bolsista na categoria Júnior (Pnad) na Fundação Biblioteca Nacional.



Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna

Resumo: O *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* (2017), composto por dois volumes — “*O Jumento Sedutor*” e “*O Palhaço Tetrafônico*” — é uma obra na qual Ariano Suassuna dedicou-se por trinta anos. O sertão armorial de Suassuna é o espaço singular em que o autor elabora seus cenários, imagens e personagens, partindo sempre de suas vivências. Esse território, muitas vezes taxado pela crítica como arcaico e ultrapassado, revela a imersão em sua estratégia discursiva, revelando uma geografia imaginária desenhada no espaço literário e erigida por palavras. Neste trabalho propusemos uma investigação acerca da expressão performática do narrador e suas máscaras. Além disso, exploramos a ligação entre palco/circo e as aulas-espetáculos, já que será no tablado que irá se cumprir o desejo de A. S. autor e A. S. personagem, a tal sina tão almejada: a de serem donos de circo, neste caso, um circo-espetáculo sem lonas, mas feito de páginas.

Palavras-chave: Ariano Suassuna, Literatura, Performance, Palco, Sertão Armorial.

Abstract: The *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* (2017), composed of two volumes — “*O Jumento Sedutor*” (The Seductive Donkey) and “*O Palhaço Tetrafônico*” (The Tetraphonic Clown) — is a work to which Ariano Suassuna dedicated himself for thirty years. Suassuna’s armorial *sertão* is the unique space in which the author elaborates his scenarios, images, and characters, always drawing from his experiences. This territory, often labeled by critics as archaic and outdated, reveals the immersion in his discursive strategy, unveiling an imaginary geography drawn in the literary space and erected by words. In this work, we proposed an investigation into the performatic expression of the narrator and his masks. Furthermore, we explored the connection between stage/circus and the “*aula-espetáculos*” (class-shows), since it is on the stage that the desire of A. S. author and A. S. character will be fulfilled, that long-desired fate: to be circus owners, in this case, a circus-show without a tent, but made of pages.

Keywords: Ariano Suassuna; literature; performance; stage; armorial sertão.

1. Introdução

Ariano Vilar Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927, em Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa – PB, e morreu vítima de uma parada cardíaca em Recife, no dia 23 de julho de 2014. Há décadas seu nome é proeminente no cenário da cultura e da literatura contemporâneas do Brasil. Embora seja conhecido principalmente como dramaturgo, o autor também foi romancista, artista plástico, poeta, idealizador do movimento armorial, entre outras coisas.

Através dos romances, autos populares e folhetos da literatura de cordel, Suassuna recria um imaginário nordestino ligado aos traços ibéricos e medievais retomados pela estética armorial – construindo cenários, enredos e personagens – capazes de manter relações com o espírito mágico e emblemático do barroco brasileiro. Considerando as influências do armorial, elementos populares e de toda uma carreira

ASSIS, Thaísa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.



Tháisa Menezes de Assis

consolidada, chegamos à obra *Dom Pantero no Palco dos Pecadores*² lançada pela editora Nova Fronteira, no ano de 2017.

O romance, considerado como súpula de todo o fazer estético e literário do autor, é composto por dois volumes – *O Jumento Sedutor* (livro I) e *O Palhaço Tetrafônico* (livro II)³ – que, tendo sua produção iniciada em meados da década de 1980, levou cerca de trinta anos para ser finalizado. Ariano, como perfeccionista consumado, ocupou-se com sua escrita mesmo em meio às inúmeras tarefas que assumia paralelamente à vida literária, reescrevendo várias vezes os textos até que ficassem a seu gosto.

A obra é dividida em quatro partes (quatro cartas)⁴, termos ligados ao folheto de cordel que, substituindo o que chamaríamos de capítulos, apresentam-se sob a forma de diálogos para serem publicadas no *Sibila*, jornal local da cidade pernambucana de Igarassu. As “epístolas”, como gosta de chamá-las o narrador-protagonista, são endereçadas aos “Nobres Cavaleiros e às belas Damas da Pedra do Reino”. Por ter em sua composição personagens como Antero Schabino e Dom Pedro Dinis Quaderna, a advertência nos informa que a narrativa que vamos conhecer “só deve ser lida, folheada ou vista por adultos de sólida formação religiosa, moral, poética e filosófica” (Suassuna, 2017, p. 26).

No que diz respeito à estrutura, o romance é organizado por meio de diálogos, tendo Antero Savedra como narrador intradieético. A narrativa apresenta-se como uma grande peça de teatro e não segue uma sequência linear. Os acontecimentos são expostos, muitas vezes em *flashback*, e é dessa forma que o personagem principal situa seus leitores acerca dos eventos que o levaram a resgatar o desejo antigo de retomar a escrita de uma obra grandiosa, que servisse de testamento cultural de sua linhagem, a família Savedra.

² Devido ao extenso nome, iremos nos referir à obra apenas como *Dom Pantero* quando estivermos considerando os dois volumes como um único material, e *O Jumento Sedutor* ao volume explorado neste estudo.

³ Neste trabalho usaremos como *corpus* de análise apenas o Livro I – *O Jumento Sedutor*.

⁴ As quatro cartas são: “*Prelúdio – O Protagonista Insano*”; “*Repente – O Antagonista Possesso*”; “*Chamada – O Chabino Desamado*” e “*Galope – A Trupe Errante da Estrada*”.



Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna

Com base nesses elementos, o texto que aqui se apresenta pretende refletir — à luz de autores como Aguilar e Cámara (2017), Azevedo (2007), Benjamin (2012), Foucault (1992), Klinger (2007), Lima (1991) Maingueneau (2001), Reis (2018) para tratarmos teoricamente sobre os temas abordados em nosso estudo como autoria e performance, além da fortuna crítica sobre o próprio Suassuna — sobre como se dá a expressão performática do narrador e de suas máscaras. Iremos explorar também qual a ligação entre palco/circo e as aulas-espetáculos, já que será no tablado que irá se cumprir a tal sina almejada por A. S. autor e A. S. personagem: a de serem donos de circo.

2. Reflexões sobre autor e narrador: Foucault, Benjamin e Suassuna

Michel Foucault, em seu ensaio “O que é um autor?” (1992), reflete acerca da ideia de autor e texto, “[...] a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos em aparência” (Foucault, 1992, p. 34), mostrando de forma desafiadora as noções tradicionais de autoria e originalidade que e como esta função era exercida no contexto da cultura europeia após o século XVII. Para o filósofo, a escrita é compreendida como um “jogo ordenado de signos”, que se desdobra para além das “regras” da própria linguagem: “Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem; é uma questão da abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer” (Foucault, 1992, p. 35).

O autor enfatiza que a escrita também está ligada à morte (do autor), ou seja, “a marca do escritor não é mais do que a singularidade da sua essência; é-lhe necessário representar o papel do morto no jogo da escrita” (Foucault, 1992, p. 36-37). Para ele o que preserva a existência do autor é a noção do próprio ato de escrever — “a noção de escrita”. Qual seria, portanto, o impacto causado por esse “vazio” deixado pelo autor?

De acordo com Foucault, esse esvaziamento deixado pelo autor após a sua morte causaria um impacto duplo: multiplicação de discursos sobre a interpretação de sua

ASSIS, Thaísa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.



Tháisa Menezes de Assis

obra, como forma de preencher a sua ausência; e o deslocamento da obra para a vida do autor, fazendo com que sua biografia ganhe mais foco que a obra em si. Assim, ele defende a ideia de que a obra de arte deveria ser considerada como um campo de possibilidades aberto à interpretação e reapropriação por parte dos leitores em vez de ser limitada pela intenção original do autor.

Assim, para Foucault, o conceito de "autor" está intrinsecamente ligado ao poder e à autoridade. Sugere ainda uma abordagem mais descentralizada e fluida para entender a criação e recepção de obras culturais. Essa perspectiva oferece uma nova maneira de pensar sobre a produção de significados e a maneira como atribuímos valor às obras que encontramos. Deste modo, compreendemos, após a leitura do ensaio, que o conceito de "autor" está intrinsecamente ligado ao poder e à autoridade, e que Foucault dá ao seu texto uma abordagem mais descentralizada e fluida para entender a criação e recepção de obras culturais.

Considerando essa relação entre poder e autoridade, em seu texto “O narrador” em que o escritor tece considerações sobre a obra de Nicolai Leskov, Walter Benjamin (2012) aborda o conceito de narrador, remetendo-o à ideia de perda da autenticidade e da oralidade na transmissão de histórias, e na transformação de como as narrativas são construídas e recebidas em um mundo moderno:

A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa [...] é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, porém, especialmente da narrativa. O narrador retira o que ele conta da experiência [...] e incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes (Benjamin, 2012, p. 217).

Podemos considerar que com a ascensão dos meios de comunicação o papel do narrador tradicional foi gradativamente substituído por formas mais impessoais de narração. Assim, é possível trazer à baila percepções críticas sobre como as obras culturais são criadas, transmitidas e interpretadas, desafiando as noções convencionais

ASSIS, Tháisa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.



Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna

de autoria e autoridade na produção de significados.

A ideia de “verdadeiro” narrador estava em queda devido às influências modernas. Benjamin compreendia que a experiência de histórias via comunicação oral estava sendo substituída por formas fragmentadas de narrativas. E como relacionamos esses conceitos entre o “autor” foucaultiano e o “narrador” benjaminiano com a obra de Ariano Suassuna?

A relação entre as obras de Foucault e Benjamin e o trabalho de Suassuna se manifesta através da desconstrução da figura do autor tradicional, da ênfase na valorização da tradição oral e da performance narrativa na arte de contar histórias. Essas perspectivas teóricas nos ajudam a compreender a riqueza e a complexidade da narrativa suassuniana.

3. Máscara e persona: a expressão performática de Dom Pantero no romance

Suassuna, em sua obra, desafia a ideia convencional de autor, apresentando-se como um contador de histórias, um *performer* que interage de forma próxima com o leitor, seja por meio de seus cativantes narradores ou pelas divertidas aulas-espetáculos que proferia Brasil afora, ou por meio de seus narradores nas obras literárias. Essa abordagem tira do foco a ideia de centralidade do autor e passa a valorizar mais a relação entre narrador e espectador/leitor.

Como aponta em seu artigo “Autoria e performance”, Luciana Azevedo diz que “as maneiras pelas quais o texto aponta para a figura do autor já nascem marcadas pelo arranjo indecível entre vida e ficção, experiência real, do autor, e a composição distanciada de papéis, personagens-tipo” (Azevedo, 2007, p. 137). Desta forma, podemos sugerir que a instância autoral pode assumir inúmeras vertentes, fazendo com que a função de autor encontre, na performance algumas alternativas.

Ainda considerando esse entrelaçamento entre as figuras autor/personagem, o ensaísta português Carlos Reis em seu “Dicionário de estudos narrativos” compreende a personagem ficcional como “a representação de uma figura humana ou humanizada que,

ASSIS, Thaísa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.



Tháisa Menezes de Assis

numa ação narrativa, contribui para o desenvolvimento da história” (Reis, 2018, p. 388). Com base nessa visão, temos, portanto, na obra, a figura de Dom Pantero, narrador-personagem que pode servir de pseudônimo para o protagonista da história, ou seja, sua imagem vai sendo moldada no decorrer da narrativa.

Artifício análogo à “fabulação” do protagonista do romance é a ideia de performance escritural, experimentada em diferentes aspectos pelo *performer* oculto que a obra revela, o próprio Ariano Suassuna. Mesmo considerando a performance uma forma de arte expressiva capaz de combinar elementos teatrais, musicais, corporais etc., concordamos com os desdobramentos que Luciene Azevedo vislumbra, em função das potencialidades performáticas que a escritura desenvolve e alcança, o que a leva a afirmar que “o ato performático tem como fundamento lançar à desconfiança o enredo que encena” (Azevedo, 2007, p. 139).

De fato, a performance apresenta um caráter híbrido, polifônico, podendo disfarçar-se de inúmeras vozes, o que é atestado por palavras do próprio *Romance* em estudo:

DOM PANCRÁCIO CAVALCANTI

Para ser fiel a esse outro lado de nossa natureza, Antero Svedra, ao assumir o posto de Narrador principal d’A Ilumiara, teve de acrescentar, à sua história de Reis sombrios e Profetas extraviados, uma outra, dançada pelo Poeta musical e Palhaço lírico que é Dom Pantero (Suassuna, 2017, p. 52).

Sendo assim, ao pensarmos que *O Jumento Sedutor* se constitui desde o seu interior como uma polifonia, e mais, que tem como figura de destaque um protagonista que se vale da máscara pícara e performática de Dom Pantero, podemos considerar, como Gonzalo Aguilar e Mario Cámara (2017, p.13), que “ao aplicar a noção de performance para além da divisão institucional e do gênero estável em que se transformou”, devemos levar em conta que sua presença pode (de)marcar as leituras da obra.

Dom Pantero é porta-voz de uma polifonia que é justificada pelas misturas de vozes da família Svedra e da combinação de releituras e fragmentações de outros autores. O personagem cumpre seu papel de maestro, guiando a narrativa. A “máscara e

ASSIS, Tháisa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.



Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna

pose são dispositivos da modernidade literária [...] e nem a máscara nem a pose são criações estritas do escritor” (Aguilar; Cámara, 2017, p. 141). Em outras palavras, ao se misturar com a *persona* de Antero Savedra, a máscara de Dom Pantero já incorpora uma figura teatral:

ANTERO SAVEDRA

[...] mesmo continuando a ser o Antero Savedra sombrio, culposo e feio do dia a dia, a Visão, ao fundir-me à máscara-e-persona de Dom Pantero, fizera de mim um Personagem, mais uma vez possuído pelo Dáimone, “um Rei imortal, transfigurado em Poeta, Palhaço e Profeta” (Suassuna, 2017, p. 79).

Desde a retórica antiga aos tempos atuais, a imagem de si formulada no discurso é caracterizada pelo termo *éthos* que, segundo Dominique Maingueneau (2001), é capaz de designar “a personalidade que se mostra através de sua maneira de se exprimir” (Maingueneau, 2001, p. 139). Ainda seguindo os pensamentos do autor, ele comenta que essa representação precisa de alguém que será responsável pelo enunciado. Sendo “poeta, palhaço e profeta”, será no palco que esse personagem se destacará como encenador:

Sendo eu antes de mais nada um Ator e Encenador, em minha formação literária meus dois primeiros grandes Mestres foram Alexandre Dumas e Rafael Sabatini. Este escreveu, abrindo-me a visão do Mundo como um Palco e da Vida como um Espetáculo:

RAFAEL SABATINI SAVEDRA

“*Procuro consolar-me com a lembrança de Epiteto. Dizia ele que todos nós não passamos de atores no Palco da vida, e que representamos os papéis que o Diretor acha por bem confiar-nos*” (Suassuna, 2017, p. 48-49, grifo do autor).

Nesse contexto, no romance, Dom Pantero se apresenta como um “ator e encenador”, um palhaço, que tem o duplo investimento: o comando tradicionalmente a ele conferido e a fatuidade do ator. A certa altura sua imagem é retratada da seguinte maneira:

DOM PANTERO

[...] em tais momentos, quando em mim predomina o “hemisfério Palhaço”, não é que eu esqueça o abandono e a pobreza em que vive meu Povo: é que vejo na Festa dos pobres um belo e altivo protesto do Sonho contra a feiura e

ASSIS, Thaísa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.



Tháisa Menezes de Assis

a cinzentice da dura vida que lhes é imposta, de maneira injusta. E aí, o que galopa dentro de mim, com o Jaguar, são Cavalos desembestados, Atores e Dançarinos – Reis pobres e maltrapilhos, cujos farrapos são apenas encobertos por mantos e golas recamadas de sóis, luas, estrelas, vidrilhos e lantejoulas (Suassuna, 2017, p. 53).

Observamos, na fala do personagem, ao mencionar seu lado risível (o “hemisfério Palhaço”), a presença da herança sertaneja, o resgate da cultura popular nordestina manifestada na alegria de um povo que sofre, mas que não desiste de experimentar o sonho e a fantasia, sem que isso signifique alienação política. Sendo “pelos papéis que a persona se socializa e se vê a si mesma e aos outros como dotados de certo perfil” (Lima, 1991, p. 43), Ariano Suassuna lança mão de fatos para agregar à construção do seu universo ficcional, fazendo de Dom Pantero sua imagem distorcida.

Consequentemente, será no palco que o conceito de performance tornará visível o caráter teatralizado da construção da imagem do autor. Assim, “a autoficção só faz sentido se lida [...] como espetáculo” (Klinger, 2007, p. 26). Levando em consideração a pose, diz-nos Dom Porfírio de Albuquerque que, depois de ser nomeado Secretário da Cultura de Taperoá, Antero Savedra passou a se vestir de duas maneiras: “[...] de roupa clara, quando encarna Savedra, e de negro-e-vermelho quando representa Dom Paribo Sallemas ou Dom Pantero (sendo que, neste último caso, pendura um Medalhão ao pescoço)” (Suassuna, 2017, p. 52-53).

Percebemos, portanto, que os aspectos corporais, vestimentas e gestos são como recursos que dão materialidade à constituição da personagem: a roupa clara está ligada ao “hemisfério” professor, enquanto a de tons escuros está intrinsecamente relacionada aos “hemisférios” palhaço, profeta e rei, explorados dentro do espetáculo, que é a própria narrativa. Teatralidade, signos performáticos que integram e reforçam as convicções teóricas, filosóficas e político-culturais do criador, ator e *performer* com quem estamos lidando.

A leitura da obra desperta “a figura desse autor que chamamos de Ariano Suassuna, mas que foi se construindo como suporte para o Pantero e outras máscaras, tudo potencializado pelo existir em um Palco (real ou construído em literatura)”,

ASSIS, Tháisa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.



Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna fazendo com que este Romance seja “uma performance de si em si” (Simões, 2020, p. 390).

4. Do Palco à Lona: o Circo-espetáculo

O circuito teatral, desde a sua origem, no teatro trágico da Grécia clássica, nascido da reciclagem de mitos arcaicos até as formas mais complexas, como o teatro operístico, e às mais simplórias dramatizações populares mundo a fora, é composto por uma mobilidade e um dinamismo que têm no circo o meio utilizado para difundir esse processo cultural. Em nossa obra estudada, essa mobilidade circense se expressa tanto no ecletismo dos atores quanto nos constantes deslocamentos das companhias em busca de novas plateias.

MARCOS SHABINO CHAGAL

“Para mim, o Circo era um Espetáculo mágico, que fundava todo um universo. Além disso, o mundo do Circo tinha uma face inquietante, profunda, secreta. Aqueles Palhaços, aquelas Equilibristas, aqueles Acrobatas, instalaram-se de uma vez para sempre em minhas Visões.

“Por que suas Máscaras me perturbavam tanto? É que, com elas, eu me aproximava de outros horizontes. **Era um nome mágico, aquele do Circo — um jogo milenar que se dançava; um jogo em que os Atores, as gargalhadas, as caretas, os saltos e os passos de Dança às vezes tomavam a forma de uma grande Arte.**

“Mas, ao lado de sua face cômica, lírica e divertida, o Circo era também uma encenação trágica. Através dos séculos, ouvia-se nele o grito mais agudo e pungente da busca da alegria do Homem; e, assim, o Circo assumia, às vezes, o caráter da mais alta Poesia (Suassuna, 2017, p. 65-66, grifo nosso).

A presença das máscaras na trajetória histórica do homem reflete a sua capacidade de transcender fronteiras culturais e temporais, atuando como ferramentas poderosas para a expressão artística, a comunicação simbólica e a exploração de diferentes aspectos da identidade e da experiência humana.

Na *Commedia dell'Arte*, as máscaras ajudavam a definir os personagens de forma exagerada e a garantir a comicidade e o reconhecimento dos papéis. Já nas manifestações populares, elas têm a capacidade, dentre outras coisas, de representar

ASSIS, Thaísa Menezes de. *Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.*



Tháisa Menezes de Assis

figuras folclóricas, entidades míticas e personagens da cultura popular, agregando cor, mistério e fantasia às performances. Ao parafrasear Dom Quixote sob a alcunha de “O Judeu”, o autor faz da estrada, do palco e da Comédia a própria alegoria da vida:

DOM QUIXOTE

“Ouve, Sancho: não existe metáfora que melhor nos represente o que somos do que a Comédia. Os Comediantes nos colocam à frente um Espelho, onde se veem Damas, Reis, Imperadores, Cavaleiros, Pontífices e outros Personagens, ricos ou pobres, ‘do grande teatro do Mundo’. [...] “Pois a mesma coisa, Sancho, acontece na comédia da Vida, onde cada um faz o papel que lhe cabe; mas, chegando ao final, a Morte lhes tira as roupas que os diferenciavam, e, na Sepultura, ficam todos iguais.”

DOM PANTERO

Aqui, pois, é como se Dante fizesse o papel de Homero; Euclides da Cunha, o de Virgílio; Augusto dos Anjos, o de Camões; Cervantes, o de Apuleio; Antônio José da Silva, o de Plauto; Machado de Assis e Lima Barreto, o de Boccaccio; Cassandra Rios, o de Santa Teresa; e é como se todos me servissem de Guias em minha incursão pela Estrada que atravessa o Reino Perigoso do Ladrado (Suassuna, 2017, p. 62-63).

A teatralidade, essência do teatro e de tudo o que é teatral, está na raiz da arte produzida por Ariano Suassuna em sua concepção de cultura, na expectativa de reconhecimento de uma axiologia que constate e prestigie o legado popular para a história da arte brasileira e da própria história da arte, expondo a visão crítica do homem político, acadêmico e, sobretudo, artista que o autor cultivou ao longo de sua vida.

Sendo assim, as máscaras fornecem um elemento visual impactante e emblemático, enriquecendo a representação teatralizante e contribuindo para a construção de um universo rico em simbolismo e autenticidade. Foi assim que, exatamente em *Dom Pantero*, a mescla de elementos teatrais por excelência (gestos verbais e fórmulas emotivas, a profusão de personagens reduplicados e reduzidos a um único etc.) se materializou na *ilumiara*⁵ literária suassuniana.

O teatro suassuniano está muito ligado ao caráter testemunhal, já que suas

⁵ Ariano valeu-se da criação do neologismo “(i)lumiara”, o termo, inicialmente concebido como “lumiara” recebeu de seu criador a prótese de um “i”. O autor o menciona desde a Pedra do Reino, obra que, a partir de sua 11ª edição, seria considerada como narrativa introdutória à *Dom Pantero*. Na composição do romance, o termo torna-se, então, uma maneira de servir de identificador, um altar luminoso, capaz de aclarar a cultura de um povo de forma que ele não esquecesse suas raízes.



Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna

produções são como “vitrines” de seu universo e da realidade que o cerca, muitas vezes trazidas como mote. Trata-se de expor as mazelas sofridas pelo povo, mas sem esquecer, através do “hemisfério palhaço”, que é na festa, na celebração simplória do pobre, que se levanta “um belo e altivo protesto do Sonho” contra a medonha face da vida e da injustiça.

A partir de sua atuação como secretário de Cultura de Pernambuco, de 1995 a 1998 e, posteriormente, no governo de Eduardo Campos, entre os anos de 2007 e 2014, Suassuna, percebendo que a verba era pequena e o sonho, grande, criou uma espécie de evento artístico que misturava literatura, música, exposições, dança e suas famosas (e aclamadas) aulas-espetáculo. Em entrevista ao jornal *Valor*⁶, em 2011, Suassuna explicava que estas apresentações eram aulas teóricas sobre a cultura brasileira e, no decorrer da explanação, exemplificava usando partes do espetáculo:

Conto com um grande músico e compositor, chamado Antonio Madureira. Ele compôs essa música “Nau” em homenagem aos portugueses que aqui chegaram em naus. Então, dei o nome do espetáculo de “Nau”, que é como uma viagem pela cultura brasileira. A primeira música cantada e dançada nessa aula chama-se “Toré”. Não sei se você sabe, mas “toré” é o nome de uma cerimônia religiosa indígena, e, como a primeira vertente cultural que influenciou a formação da cultura brasileira foi a indígena, nós apresentamos “Toré” como o primeiro número da aula, em homenagem à cultura indígena. Depois vem “Nau”, em homenagem à cultura portuguesa. Depois vem um maracatu chamado “Estrela Brilhante”, em homenagem à cultura negra. Normalmente é assim: a gente apresenta diversos números, e narro a formação da cultura brasileira (Suassuna, 2011, p. 6-7).

Enquanto Antero SAVEDRA (Dom Pantero) sonhava tornar-se ator/encenador, Ariano representava, despretensiosamente, esse papel através de seu ofício como professor: nas aulas-espetáculos, ele era o protagonista, ocupando a boca de cena. Sua veia cômica arrancava risos e aplausos da plateia, mesmo diante de assuntos sérios.

DOM PANTERO

[...] quando me baixa o Dáimone no sangue, eu me transformo numa espécie de novo Antônio Conselheiro; e o Público, “arreatado por este Bufão possuído por Visões apocalípticas”, também fica “hipnotizado ao contato de

⁶ Entrevista Ariano Suassuna. Jornal *Valor* – Eu & Fim de Semana, ano 11, nº 348, p. 6 - 9. [Entrevista concedida a Murillo Camaroto].



Tháisa Menezes de Assis

minha insânia formidável” [...] por meu intermédio é que Antero Savedra começou a se libertar do que ainda restava de orgulhoso, sombrio, luxurioso e vingativo na parte “hamletiana” do seu sangue. [...] Eu pretendia fazer destas Cartas um “Pergaminho sagrado” para, através dele, compor *A Ilumiara*; e nesta transformar em Espetáculos todas as Obras deixadas por meus irmãos — o que me tornaria Autor único de todas elas (Suassuna, 2017, p. 93-94).

Com receio de ser impellido pelo público mais jovem, Savedra pede proteção a São Cipriano, como forma de garantir êxito em suas aulas — “O Público riu muito e bateu palmas entusiásticas, o que me mostrou que a proteção d’ O Santo Pecaminoso finalmente começara a transformar o bisonho Professor que eu era num Ator de sucesso” (Suassuna, 2017, p. 104) — assim como seu personagem, era dessa forma que o autor explorava o “hemisfério rei” da erudição, mesclando-o com a galhofa do palhaço e do poeta. Era, portanto, através do espetáculo circense que Savedra conseguiria reunir a Literatura de Palco, barroca, com a Literatura de Estrada, representada pelo teatro ambulante, de rua, onde a segunda representasse uma Literatura cavaleiresca e epopeica, capaz de transformar todos da trupe errante da estrada em cavaleiros das caatingas do Sertão, como Valente Vilela.

Por meio desse “espetáculo”, Suassuna transformava a construção literária de sua narrativa em um grandioso picadeiro, recriando em sua arte o circo que não pôde ter no tempo em que era criança. A escolha de terminar todas as cartas da mesma maneira não era coincidência: consciente de sua idade avançada, o escritor paraibano, ao mote de São Paulo Apóstolo, deixa a seguinte doxologia:

Pois é assim: meu Circo pela Estrada. Dois Emblemas lhe servem de Estandarte: no Sertão, o Arraial do Bacamarte; na Cidade, a Favela-Consagrada. Dentro do Circo, a Vida, Onça Malhada, ao luzir, no Teatro, o pelo belo, transforma-se num Sonho — Palco e Prelo. E é ao som deste Canto, na garganta, que a cortina do Circo se levanta, para mostrar meu Povo e seu Castelo (Suassuna, 2017, p. 474).

Sempre que possível, Ariano comentava em suas aulas que as raízes mais importantes da cultura brasileira são a barroca e a popular e que por meio dessa herança ele espelhava o seu universo, já que, para ele, o circo e o teatro eram uma coisa só: “Eu

ASSIS, Tháisa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.



Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna

achei que até pela forma circular, uterina do circo, ele era mais apropriado, talvez, do que o teatro para servir de emblema para o mundo” (Suassuna, 2015, p. 101). Assim, Ariano Suassuna, exímio escritor, realizava na arte (e na vida pública) o sonho de seu personagem Dom Pantero de ser, de certa forma, dono de circo, exibindo “o Mundo como Palco e a Vida como Representação”.

5. Conclusão

Neste trabalho, buscamos explorar, mas sem esgotar futuras investigações, o romance Dom Pantero, mais especificamente, o seu tomo I — *O Jumento Sedutor* (2017), as relações acerca da expressão performática do narrador e suas máscaras. Além disso, abordamos a ligação entre palco/circo e as aulas-espetáculos, já que, como pudemos verificar, é no tablado que se cumpre o desejo de A. S. autor e A. S. personagem, a de serem donos de circo, neste caso, um circo-espetáculo sem lonas, mas feito de páginas.

Para isso, iniciamos a nossa conversa falando da relação entre autor e narrador feitas por Foucault (1992) e Benjamin (2012) em que os autores abordam, embora de perspectivas distintas, questões relacionadas à autoria, interpretação e significado nas práticas culturais. A estética de Suassuna enfatiza a importância da performance narrativa, incorporando elementos de teatro, música, dança e oralidade em suas histórias.

Em seguida, debruçamos-nos à luz dos conceitos de Azevedo (2007); Aguilari; Câmara (2017) para falar sobre performance. No romance, a importância da performance na narrativa deu-se através da inserção de elementos do teatro, da música, da dança e da oralidade. Seus narradores são marcados por uma expressividade vigorosa, que cativa o público e cria uma experiência imersiva e sensorial. A arte de contar histórias se torna um espetáculo vivo, onde o ato de narrar se funde com a atuação e a encenação.

Além disso, a presença de máscaras no romance estudado sugere a existência de



Tháisa Menezes de Assis

uma dualidade entre a aparência e a essência, entre o que é revelado e o que é oculto, entre a realidade e a encenação. O narrador-personagem é visto como um ator em um grande palco da vida, desempenhando papéis e fazendo uso desse objeto expressivo que é a máscara para se adaptar às diversas situações e interações que enfrenta ao longo da narrativa.

Por fim, combinamos o palco com a lona, o que resultou em um circo-espetáculo — as famosas aulas-espetáculos (ou aulas-espetaculosas, como atesta Dom Pantero). Nas aulas-espetáculos, Suassuna se apresentava não apenas como um narrador, mas também como um *performer*, um contador de histórias que interagiu diretamente com o público, mesclando elementos de teatro, música, dança e literatura em suas apresentações. Assim como o autor, o narrador-personagem da obra suassuniana apresenta-se como uma persona marcante, não apenas um contador de histórias, mas um narrador engajado e envolvente, que se assemelha à presença carismática e dinâmica de Suassuna nas aulas-espetáculos, criando uma atmosfera de proximidade e interação com o público/leitor.

Podemos concluir que tanto o palco quanto a lona, mesmo sendo espaços físicos diferentes, intimamente se relacionam através da prática teatral. Ambos são palcos de representação artística e narrativa, que permitem a interação entre personagens e narrador-personagem e leitor. Além disso, nesses espaços, a atuação e a performance serão elementos centrais. Na obra do nosso eterno mestre Ariano Suassuna, ao considerarmos a escrita como um ato que é levado ao “Palco dos Pecadores”, somos convidados a refletir, entre outras questões, sobre a condição humana.

Desta maneira, Ariano cria em sua arte aquele circo de que sonhou participar. É no tablado do palco que Ariano apresenta suas aulas-espetáculos. Acompanhando os passos de seu criador, o personagem Antero Savedra apresenta suas aulas-espetaculosas. Ambos, em seu ofício de professor apalhaçado, trazem para suas aulas elementos do teatro. Se para ele a arte era “missão, vocação e festa”, ao amalgamar-se com a máscara de Dom Pantero, o autor consegue driblar a Caetana e tornar-se, pelo menos em suas



Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna

obras, “imorrível”, como graciosamente brincava em suas aulas, ao falar do título de imortal da Academia Brasileira de Letras.

Referencias

- AGUILAR, Gonzalo, CÁMARA, Mario. *A máquina performática: a literatura no campo experimental*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ARIANO SUASSUNA. O reino de Suassuna. *Jornal Valor – Eu & Fim de Semana*, ano 11, n. 348, p. 6-9, 29, 30 abr./ 01 mai. 2011. Entrevista concedida a Murillo Camaroto.
- AZEVEDO, Luciene. Autoria e performance. *Revista das Letras*, São Paulo, v.47, n. 2, p. 133-158, jul./ dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/496/582> Acesso em: 04 dez. 2021.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Prefácio de José A. Bragança de Miranda; Antônio Fernando Cascais. Vega, 1992. p. 29-87.
- KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, v.10, n.12, p. 11-30, 2008.
- LIMA, Luiz Costa. Personagem e sujeito ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos* (Dispersa demanda II). Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 40-56.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.
- SIMÕES, Ester Suassuna. O Palco e a Estrada: o lugar da performance no “Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores”, de Ariano Suassuna. *Criação & Crítica*, n. 28, p., dez. 2020. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoocritica>. Acesso em 06 ago. 2021.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance de Dom Pantero no Palco dos pecadores: O jumento sedutor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Recebido em: 09/05/2024

Aceito em: 28/08/2024

ASSIS, Thaísa Menezes de. Entre palcos e lonas: apontamentos sobre performance em Dom Pantero, de Ariano Suassuna. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 79-93.